

Conferência

Concílio Vaticano II: História e Teologia

Dom Benedito Beni dos Santos¹
Bispo Emérito da Diocese de Lorena – SP

Agradeço a Dom Airton José, à reitora Profa. Dra. Ângela, ao vice-reitor Prof. Dr. Germano, o convite que me fizeram para proferir esta palestra sobre um tema tão significativo: *Concílio Vaticano II: história e teologia*. Quero agradecer também as palavras amigas e generosas do Prof. Dr. Pe. Paulo Sérgio.

Refiro-me à história do Vaticano II, a partir do meu testemunho pessoal. No início de Agosto de 1959, cheguei em Roma como seminarista para iniciar meus estudos na Universidade Gregoriana. Poucos meses antes, o Papa João XXIII, ainda no início do seu pontificado, manifestou a intenção de realizar três coisas: em primeiro lugar, a reforma do Código de Direito Canônico, que é a lei fundamental da Igreja; depois, o Sínodo para a renovação da Diocese de Roma; e finalmente a convocação de um Concílio Ecumênico.

Esta última iniciativa, o Concílio Ecumênico, provocou perplexidade. Pelo fato de que quase um século antes, o Concílio Ecumênico Vaticano I, havia proclamado o Dogma da Infallibilidade do Magistério do Papa em determinadas circunstâncias, e também o seu Primado de Jurisdição sobre toda a Igreja. Daí por diante se pensava que um Concílio Ecumênico não seria mais necessário. O Papa sozinho poderia decidir sobre questões de doutrina, de moral. Me recordo que no primeiro dia de aula, na Universidade Gregoriana, em 15 de outubro, houve uma grande conferência para explicar aos alunos o que era um Concílio Ecumênico. O próprio Papa João XXIII, no seu livro: *Diário de uma alma*, ele afirma que depois que anunciou a intenção de convocar um concílio ele mesmo ficou perplexo, porque ninguém havia dado essa ideia. Ele atribuiu então, a uma inspiração divina.

Mas para nós compreendermos bem a razão da convocação do Vaticano II, os seus objetivos e também a sua doutrina, é necessário examinar o contexto do tempo, seja o contexto eclesial, seja o contexto extra-eclesial. Com relação ao contexto extra-eclesial, menciono a situação de guerra fria que havia então; os países reunidos em torno de dois blocos: o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos e o bloco socialista, pela União Soviética. Os dois blocos se armando cada vez mais, um ameaçando o outro, e temia-se uma explosão atômica. Recordo ainda como componente desse quadro histórico um acontecimento que trouxe muita esperança para a humanidade: o

¹ Diocese de Lorena. R. Hepacaré, 28, Centro, 12600-340, Lorena, SP, Brasil. E-mail: curia@diocesedelorena.com

movimento de independência política dos países afro-asiáticos. Com relação aos países da África, recordo Angola, Congo, Moçambique, Líbia, Guiné e outros países. Com relação ao continente asiático, Indochina, Filipinas, Índia. Esse movimento trouxe muita esperança para a humanidade. Outro movimento componente desse contexto foi o processo acelerado de industrialização, provocando o êxodo rural, o crescimento de nossas metrópoles e o fortalecimento da cultura urbana. E por fim, quero também recordar a invenção da TV, que começou a influir e continua influenciando não só na mentalidade, mas também no comportamento das pessoas. Resultado de tudo isso foi a emergência de um mundo pluralista: pluralismo de raças, de culturas, de ideologias, de religião. E ainda mais se acelerou o processo de secularização. Então, a grande questão que se colocava às vésperas do início do Vaticano II era a seguinte: como que a Igreja, como que o Concílio, vai posicionar-se diante da realidade deste mundo pluralista?

Com relação ao contexto eclesial, recordo o fortalecimento da Teologia do laicato, sobretudo com a obra do Pe. Yves Congar, grande teólogo e perito do Concílio: *Jalons pour une théologie du laïcat*. E depois a expansão da Ação Católica. Eu creio que até hoje a Igreja ainda não conseguiu descobrir um método de tornar o Evangelho presente no mundo: mundo da família, do trabalho, da ciência, etc. Quanto à Ação Católica: a JAC – Juventude Agrária Católica; JEC – Juventude Estudantil Católica; JIC – Juventude Independente Católica; JOC – Juventude Operária Católica; JUC – Juventude Universitária Católica. Usando o método que até hoje adotamos; o ver-julgar-agir. E também apareceram nessa época os institutos seculares, esse esforço para viver o Evangelho, sobretudo os conselhos evangélicos, sem deixar o mundo, sem deixar a família, sem deixar as profissões.

E também a vida da Igreja foi muito marcada por movimentos de volta às fontes: o Movimento Bíblico: colocar a Sagrada Escritura nas mãos do povo; o Movimento Litúrgico: não só rezar durante a liturgia, mas rezar a liturgia, a assembleia concebida de sujeitos litúrgicos (Daqui a pouco vamos falar mais sobre isso); e o Movimento Patrístico: foi dos antigos pensadores cristãos que começou a chamar a atenção sobre o mistério da Igreja, identidade íntima de Igreja, numa época em que se focalizava muito a Igreja como instituição. Recordo ainda o Movimento Ecumênico, que começava a surgir dentro da Igreja, com a Revista *Irenekom*, e com o livro do Padre Congar *Chrétieus desecris*. Cito ainda o Movimento por um Mundo Melhor, que procurava valorizar a dimensão comunitária da Igreja.

Mas foi também um momento em que havia tensão dentro da Igreja. Em primeiro lugar devido à *Nouvelle Théologie*, a Nova teologia, que procurava valorizar as realidades terrestres, e também a publicação do Padre Teilhard Chardin, após a sua morte – ele era jesuíta, ao mesmo tempo teólogo e cientista –, então uma obra que procurava conciliar a fé com a teoria da evolução.

Assim, mais ou menos, era essa a situação do contexto eclesial e extra-eclesial, quando João XXIII convocou o concílio Ecumênio Vaticano II.

A preparação para o Concílio começou em Janeiro de 1960. O Papa João XXIII formou dez comissões, presididas por dois cardeais de sua confiança: cardeal Felice e o

cardeal Tardine, 480 peritos foram convocados de toda a Igreja, e naquele tempo havia na Igreja grandes teólogos, basta recordar Karl Rahner, De Lubac, Yves Congar e outros. Essas comissões produziram 70 textos, que às vésperas do início do Concílio foram reduzidos a 17 e depois a 16, e é interessante observar que quase todos esses textos foram rejeitados pelos padres conciliares.

Na realidade, podemos dizer que os grandes temas do Vaticano II, foram trazidos pelos bispos que dele participaram, por exemplo, os episcopados da Bélgica, da França, da Alemanha, propuseram o tema da Ecclesologia – A Igreja; o episcopado francês propôs o tema da presença da Igreja no mundo moderno; os episcopados dos Estados Unidos, da Alemanha, e também da França, propuseram o tema do Diálogo com as religiões, no início apenas o diálogo com os Judeus, depois os bispos dos países Árabes propuseram também o diálogo com o islamismo. Depois evoluiu para o diálogo com o hinduísmo, o budismo e a assim por diante, e finalmente com as religiões em geral. O tema da liturgia foi trazido pelo episcopado belga, assim os grandes temas do Concílio foram trazidos pelos bispos, e foram os textos elaborados durante os 4 anos de realização do Concílio.

O Concílio iniciou-se na manhã de 11 de outubro de 1962. O Papa João XXIII escolheu essa data porque foi no dia 11 de outubro que o Concílio de Éfeso, que foi realizado no século V, proclamou Nossa Senhora *Theotokos*, a Mãe de Deus. E eu tive a graça de poder participar desse início do Concílio, porque acompanhava, como secretário, o bispo da minha diocese de origem, Dom Francisco Borgea do Amaral. E eu me lembro daquela manhã de sol em que 2.554 bispos se reuniram nas dependências do Vaticano, para colocar as vestes litúrgicas. E depois aquela longa procissão litúrgica percorreu vagarosamente a Praça de São Pedro, que estava cheia e penetrou na Basílica. Quando a procissão litúrgica acabou de entrar, as portas da Basílica foram fechadas, porque estava repleta; inclusive muitos chefes de Estado estavam presentes. E o Vaticano II iniciou-se com quatro coisas: em primeiro lugar: invocação do Divino Espírito Santo, com o tradicional hino *Veni Creator Spiritus*; em segundo: a profissão pública da fé – o símbolo apostólico; em terceiro lugar a entronização do Livro dos Evangelhos que foi colocado sobre o altar principal da Basílica; e finalmente a celebração da Eucaristia. Tornou-se célebre a homilia do Papa João XXIII, na celebração da Eucaristia; a homilia iniciou-se com essas palavras em latim: *Gaudet Mater Ecclesia* – a Mãe Igreja se alegra. E na sua homilia, João XXIII pediu que o Vaticano II não fosse um concílio de condenações, mas que procurasse expor, de modo claro, a doutrina da Igreja ao homem de hoje. Afirmou que, ao invés da severidade, o Concílio devia usar o remédio da misericórdia e fez um convite a todos os irmãos separados da Igreja que ali estavam representados, para que eles voltassem não para uma casa estranha, mas para a sua casa. Terminada a celebração da Eucaristia já era possível ter uma ideia bem concreta da natureza teológica do Concílio: o Concílio Ecumênico não é simplesmente uma assembleia solene de todos os bispos da Igreja, não é o paramento da Igreja, como muitas vezes a mídia deu a entender. Nós podemos dizer que o Concílio é uma grande celebração litúrgica, por isso mesmo, os bispos usam vestes litúrgicas em cada sessão do concílio. Então, de modo bem concreto, se podia compreender o que é de fato um Concílio Ecumênico.

O Vaticano II foi universal devido a diversos fatos: em primeiro lugar pela presença dos bispos: todos os bispos da Igreja Católica estavam presentes, com raras exceções, alguns não puderam ir porque viviam em países comunistas que proibiram a ida deles para Roma. No Concílio de Trento, realizado no Século XVI, estiveram presentes 258 bispos; no Concílio Vaticano I, realizado no século XIX, 750 bispos, e no Vaticano II 2.554 bispos. O Vaticano II foi também universal devido à presença de diversos representantes de comunidades e Igrejas cristãs que puderam participar do Concílio, não votando, mas participar, trabalhar sobre os documentos do Concílio e assim por diante. O Vaticano II foi também ecumênico, universal, pela vastidão de temas tratados. Tratou da Igreja em todos os seus aspectos, depois da presença da Igreja no mundo moderno, a questão da liberdade religiosa, do diálogo com as religiões, a questão do ecumenismo, a educação, os meios de comunicação social e outros temas importantes. E podemos dizer também que foi ecumênico, porque pela primeira vez, de certo modo, um Concílio envolveu o interesse e as orações de toda a Igreja.

O Concílio realizou a sua última sessão no dia 7 de dezembro de 1965. Aliás, somente completando o que o Pe. Paulo Sérgio disse, eu tive essa graça de poder seguir de perto a preparação do Vaticano II, depois toda a sua realização, e só voltei ao Brasil em 1966, um ano depois do término do Concílio.

Então, nessa última sessão do Concílio realizada no dia 7 de dezembro de 1965, foram tomadas duas decisões importantes: em primeiro lugar: a suspensão da excomunhão entre a Igreja Romana e a Ortodoxa, com sede em Constantinopla. No século XI, 1054, o Papa havia excomungado o Patriarca de Constantinopla e o Patriarca excomungado o Papa. E essa excomunhão durou séculos, e nesse dia então, 7 de dezembro de 1965, a excomunhão foi suspensa. Tornou-se célebre o abraço entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras.

E no dia seguinte houve o encerramento do Vaticano II, na praça de São Pedro, era novamente uma manhã cheia de sol, se respirava um clima de Pentecostes, e no encerramento o Concílio dirigiu ao mundo sete mensagens que demonstram a pluralidade dos interlocutores do Concílio: mensagem aos governantes dos povos; mensagem aos intelectuais – mensagem entregue a dois pensadores cristãos de renome: Jacques Maritain e Jean Guiton; mensagem aos artistas; mensagem às mulheres; mensagem aos trabalhadores; mensagem aos pobres e doentes – foi um grupo de pobres e doentes receber a mensagem – todas elas em Francês, inclusive um cego conduzido pelo seu cão; mensagem aos jovens.

O padre Yves Congar, perito do Concílio, grande teólogo, escreveu uma espécie de diário do Concílio, que depois foi publicado em dois volumes. Então, sobre o término do Concílio ele faz duas observações: primeira observação, escreveu ele: “hoje a Igreja é novamente enviada ao mundo, não a partir de Jerusalém, mas a partir de Roma”; segunda observação: “hoje a Igreja é enviada ao mundo em uma atitude de diálogo e de serviço a todos os seres humanos, não só aos seus membros, mas a todos os seres humanos”.

Antes de passarmos para a parte teológica, eu gostaria de falar sobre os dois Papas do Concílio. Em primeiro lugar, João XXIII: ele convocou o Concílio, realizou toda a

preparação do Concílio, presidiu a primeira sessão e no final da primeira sessão ele faleceu. Depois o Papa Paulo VI, que deu continuidade ao Concílio, que presidiu a segunda, terceira e quarta sessões do Concílio, e foi ele também que cuidou, num primeiro momento, de aplicar a toda a Igreja os ensinamentos do Concílio. Paulo VI reservou para decisão dele duas questões que o Vaticano II iria tratar, mas ele reservou para si: em primeiro lugar a questão do planejamento familiar, do uso dos métodos de planejamento familiar e a segunda questão: o celibato dos padres. E deu respostas a essas duas questões mais tarde, com a Encíclica *Humanae Vitae* – a questão da vida humana, o planejamento familiar, em 1968, e depois com uma Encíclica *Sacerdotalis Caelibatus*. São os dois papas do Concílio.

Então passemos rapidamente para a parte teológica. Todo o conteúdo teológico do Vaticano II, se encontra nas quatro constituições do Concílio, nos nove decretos e nas três declarações: declaração sobre a educação católica, sobre a liberdade religiosa e sobre o diálogo com as religiões. A primeira constituição foi sobre a *Dei Verbum*, a Palavra de Deus; foi o primeiro texto apresentado para a consideração dos padres conciliares e um dos últimos textos a ser aprovado pelo Concílio. Então, isso demonstra que o Concílio valorizou muito a Palavra de Deus registrada nas Sagradas Escrituras, e ainda mais nos apresentou um conceito personalista de Revelação, mostrando que a Revelação Divina não é antes de tudo um elenco de verdades sobre Deus, de informações sobre Deus; a Revelação Divina é algo muito pessoal, é a auto – manifestação e auto – comunicação salvífica de Deus. Deus nos fala, diz o Concílio, como amigos; Ele nos fala por amor, para fazer aliança conosco. E ainda mais: apresentou um conceito histórico de Revelação. A Revelação se faz através de *gesta et verba*, através de acontecimentos e história. Primeiro, temos um acontecimento, depois vem a Palavra, que explica o acontecimento. A revelação é dialógica, Deus fala e espera uma resposta do ser humano que é a fé. E novamente nos apresenta a fé na sua dimensão pessoal: se Deus nos fala como amigo, nos fala por amor, então a fé é também uma manifestação de amizade e de amor para com Deus, é a entrega da nossa vida a Deus. É claro que a revelação contém também verdades objetivas, uma dimensão objetiva das verdades reveladas por Deus. Quando nós damos um assentimento a essas verdades reveladas por Deus, então a dimensão pessoal da fé, o relacionamento pessoal com Deus se torna mais profundo, se torna também mais consciente. E a revelação é pedagógica, diz o Concílio, leva em consideração a evolução do ser humano, a evolução da cultura, e assim por diante. Esse texto, *Dei Verbum*, apresenta Cristo como não só o centro da revelação, mas a plenitude da revelação, de modo que ela desemboca em Cristo. Em Jesus Cristo, verbo encarnado, Deus se torna visivelmente presente no mundo; Deus se mostra ao mundo, Deus faz exegese de si mesmo, isto é, ele interpreta quem ele é. Então eu diria que esse é o documento principal do Concílio, sobre a Revelação Divina, sobre a Palavra de Deus.

Depois, outro texto importante é a *Lumen Gentium*, que trata da Igreja. Mas é interessante observar que a *Lumen Gentium* não é um texto eclesiocêntrico, é cristocêntrico. Basta recordar as primeiras palavras da *Lumen Gentium*: *Lumen Gentium* *codetti Christus*: Cristo a luz dos povos. O Concílio Ecumênico Vaticano II usa diversas definições da Igreja, mas muito mais do que definições, usa imagens bem completas,

para nos mostrar o que é a Igreja. E se nós pensarmos bem, as imagens são mais importantes que as definições. As definições falam à nossa inteligência, mas as imagens falam não só à nossa inteligência, falam também ao nosso coração, à nossa imaginação. E uma das imagens que o Concílio usa para mostrar o que é a Igreja é a imagem da lua. A lua não tem luz própria, a lua é iluminada pelo sol e projeta sobre a terra a luz do sol. Assim também é a Igreja, ela não tem luz própria: a Igreja é iluminada por Cristo e projeta para no mundo a luz de Cristo. Então, mesmo esse texto que trata da Igreja é um texto cristocêntrico.

Depois, temos a constituição pastoral *Gaudium et Spes*: Alegria e esperança. Então, nós podemos dizer que é a carta magna que o Concílio dirigiu ao mundo. É o texto maior de todos os Concílios. E a *Gaudium et Spes* trata de todos os temas do mundo moderno: a família, o trabalho, a política, a economia, a ciência, a técnica a cultura, o desenvolvimento, a consciência moral, e tantos outros temas, e é interessante também a leitura que a *Gaudium* faz da realidade: é uma leitura baseada naquilo que se chama *os sinais dos tempos*. Essa expressão foi usada pela primeira vez por João XXIII, na constituição apostólica de convocação do Concílio: *Humanae Salutis*. Depois a expressão vai aparecer nos documentos do Concílio, sobretudo na *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes*. Um dos textos importantes da *Lumen Gentium* afirma que não só o Povo de Deus, mas, sobretudo os bispos e teólogos devem escutar as vozes dos tempos. Aqui, sinais dos tempos se chamam: vozes dos tempos, e interpretados com a Sagrada Escritura e com a luz do Espírito Santo. Então, nós podemos dizer que a expressão sinais dos tempos é uma espécie de radar através do qual a Igreja detecta os sinais da presença do Reino de Deus no mundo, onde o Espírito Santo está presente e agindo; ali está presente o Reino de Deus. Ora, o Espírito Santo está presente e age não só na Igreja, na Igreja de modo especial, mas ele também age nas culturas, nas religiões e também fala através dos acontecimentos da história, por exemplo, sinais dos tempos hoje são considerados o pluralismo cultural, a cultura democrática, a emergência da mulher na sociedade, a sede de Deus mesmo nessa sociedade cada vez mais secularizada. Então, essa leitura da realidade a partir dos sinais dos tempos foi algo muito original da *Gaudium et Spes*.

E finalmente a constituição sobre a liturgia: *Sacrosanctum Concilium*, procurando colocar a liturgia em língua vulgar, tornar a liturgia mais simples, para que ela pudesse melhor ser compreendida e participada. Depois, mostrando que não só o sacerdote tem funções na liturgia, mas também os leigos exercem diversos ministérios na liturgia. Então, fruto dessa constituição que é ao mesmo tempo dogmática e pastoral é a grande renovação litúrgica que houve na Igreja.

Assim, quais foram os resultados do Concílio? Em primeiro lugar, eu diria que o primeiro resultado do Concílio foi justamente essa renovação da Liturgia que foi feita logo após o Vaticano II, depois, outro grande resultado do Concílio foi o diálogo com o mundo, diálogo ecumênico, diálogo com as religiões. Depois, outro resultado muito importante do Concílio foi ter criado na Igreja diversos instrumentos de comunhão, como o sínodo dos bispos. No mês de outubro vai ser realizado o 26º Sínodo dos Bispos, tratando de temas importantes do Vaticano II. E os documentos dos sínodos têm influído muito na

vida e na caminhada da Igreja. Depois, a valorização das Conferências Episcopais. Por ocasião do Concílio, poucos países tinham Conferências Episcopais e hoje todos os países as tem. Depois, a criação pelo Concílio, do Conselho de Presbíteros, Conselho de Pastoral e assim por diante. Nós sabemos que a Igreja mudou e a realidade do mundo também mudou muito nesses 50 anos de Concílio, basta recordar um novo cenário econômico: a globalização; um novo cenário político: provocado pela queda do Muro de Berlin, pela emergência do fundamentalismo muçulmânico; um novo cenário comunicativo: na época do Concílio surgiu como novidade a TV, hoje temos a internet; um novo cenário científico: a engenharia genética; um novo cenário religioso: o aparecimento de seitas, a mobilidade religiosa, e enfim o mundo mudou muito. Mas nós podemos dizer que apesar da mudança profunda da realidade nesses 50 anos, os ensinamentos do Vaticano II continuam válidos, porque são dinâmicos. Nesses 50 anos, como disse, foram realizados 26 Sínodos e cada Sínodo procurou tomar um tema importante do Vaticano II e fazer uma releitura desse tema para os tempos modernos.

Então, resumindo, eu creio que o Vaticano II continua iluminando a caminhada da Igreja nesse século e talvez vá iluminar a caminhada da Igreja nos séculos futuros. Eu gostaria de tratar da eclesiologia do Concílio, sobretudo a eclesiologia de comunhão, depois o mistério da Igreja presente em toda história da Salvação, e vamos dizer o ser relacional do Concílio. O Concílio nos apresentou não uma Igreja fechada em si mesma, mas uma Igreja em relação: com a Trindade, com o mundo, com as religiões, com as outras Igrejas e comunidades cristãs e em relação com a missão, não no sentido apenas de desenvolver atividades missionárias, isso a Igreja sempre fez, mas no sentido de desenvolver uma evangelização inculturada. Na realidade, nós não podemos separar a pessoa do povo a que pertence, e não podemos separar o povo da sua cultura, da sua visão de mundo, dos seus atos sociais, da organização da sociedade, das leis, etc. No entanto, esse tema é um pouco vasto e eu não vou tratar.

Agradeço a atenção de todos!

